

A PRÉ-ESCOLA E A ALFABETIZAÇÃO

Maria Cecília de Oliveira Micotti(*)

Há longo tempo a alfabetização desafia alunos, professores, propostas didáticas e reformas curriculares. Entre nós ela causa grandes taxas de fracassos e de evasão escolar, principalmente nas escolas públicas. Isto constitui um problema social, pois muitas pessoas ficarão à margem do saber registrado através da escrita.

Estudos sobre o assunto revelam aspectos do problema independentes do sistema de ensino e outros que aí se localizam.

Na realidade é impossível ignorar a interferência de fatores econômicos e sociais no baixo rendimento escolar, bem como a das inadequações do ensino.

As crianças das camadas populares raramente têm contato com a leitura e a escrita antes de entrarem para a escola. Apesar disso o ensino é o mesmo, como se todos os alunos apresentassem o mesmo nível de familiaridade com a escrita.

As crianças cujos pais cultivam a leitura, cedo familiarizam-se com jornais, livros e revistas. Falam a mesma linguagem usada nas aulas, brincam com papel e lápis. A semelhança, entre as experiências já vividas e as solicitadas pela escola, facilita a aprendizagem. Para as provenientes de ambientes desprovidos destes recursos, são grandes as diferenças entre as experiências

propostas pelo ensino e as vivências anteriores. Muitos precisam superar outras dificuldades além das lições que a professora propõe-se a ministrar. É comum a necessidade de aprenderem outra língua. A escola não utiliza dialetos tais como: "nóis vai maiá as fror".

Muitas crianças não sabem como pegar o lápis para escrever ou, folhear um livro, sem rasgá-lo. Desconhecendo a escrita e a leitura e sua importância na comunicação, desinteressam-se. Diante de tanto sacrifício, desanimam e desistem. Vão engrossar as altas taxas de analfabetismo do país.

Os professores também têm suas dificuldades. Além das precárias condições de trabalho, a formação profissional, geralmente, deixa a desejar. Entre os múltiplos problemas do preparo para o magistério, destacam-se os decorrentes da falta de integração entre a teoria e a prática pedagógica.

Estes e outros problemas explicam as altas porcentagens de fracassos nas séries iniciais do primeiro grau.

Pesquisas recentes propõem novas perspectivas para o ensino.

Os estudos de FERREIRO[1] mostram a alfabetização como processo, cujo início antecede

(*) Professora Titular do Departamento de Educação do Instituto de Biociências - UNESP - Câmpus de Rio Claro

à vida escolar, resultante das interações entre as crianças e o meio em que vivem.

Ao explorarem espontaneamente a escrita tentando compreender sua natureza, as crianças constroem formas particulares de ler e escrever. Estes procedimentos evoluem. Nesta evolução é possível identificar três grandes períodos caracterizados pela:

- 1 Distinção entre o modo de representar figurativo (desenho) e não figurativo (escrita, letras);
- 2 Construção de formas de diferenciar as produções "escritas" mediante variações em termos quantitativos e qualitativos;
- 3 Fonetização da escrita que inicia-se com uma abordagem silábica e culmina com a abordagem alfabética.

1 Na escrita pré-escolar o conhecimento da diferença entre o desenhar e o escrever (primeiro grande progresso) manifesta-se pelo uso de:

- formas arbitrárias (para representar) - a criança começa a perceber que não é preciso desenhar ou "retratar" para poder representar. Faz a distinção entre desenhos e "letras".
- ordenação linear. Alinha horizontalmente conjuntos de letras ou formas arbitrárias (não desenhos).

O uso das formas arbitrárias não significa necessariamente formas convencionais (uso das letras do alfabeto), mas estas aparecem cedo na escrita infantil. As crianças adotam as letras que os adultos usam, isto é, as formas convencionais.

2 A construção de formas de diferenciação manifesta-se através de:

- critérios intrafigurais referentes ao estabelecimento de propriedades que um texto escrito deve ter para se interpretável (para que seja considerado como tal, isto é, para que possa "ser lido").
- as distinções são feitas em termos quantitativos e qualitativos:

a o escrito precisa ter quantidades mínimas de letras (geralmente três) para que a criança considere como sendo escrita, isto é, para que ela admita que possa ser lido.

b ter no mínimo três letras não basta

Repetir sempre a mesma letra "não vale". É preciso variar.

Critérios Interfigurais - diferenciações entre a escrita de mensagens diferentes, para produzir escrita diferentes é preciso:

- variar o número de letras;
- variar as letras ou (mudar) a posição quando houver repetição de letras.

Nestes dois primeiros períodos as diferenças e semelhanças sonoras (palavras faladas) não são consideradas na escrita infantil.

É interessante lembrar que aqui em Rio Claro na EMEI "Prof. Victorino Machado", um aluno (sozinho) colocou sobre a mesa as letras formando corretamente a palavra **anão**. Disse: - Olhe! Sei escrever **anão**. Diante do pedido para que escrevesse a palavra **não**, ele repetia e indagava: - Não?. Em nenhum momento manifestou perceber qualquer relação entre as palavras **anão** e **não**, apesar da escrita feita.

3 O início do terceiro período caracteriza-se pela atenção às propriedades sonoras.

Manifesta-se a percepção de que as partes da escrita correspondem às partes da palavra falada, inclusive em termos quantitativos. A criança utiliza uma letra para representar cada sílaba da palavra falada.

Isto provoca conflitos:

- a entre o controle silábico e o número de letras que um escrito deve conter para que a criança admita que "possa ser lido".
- b entre o que ela entende que deva ser a escrita e a escrita do adulto com mais letras "do que em seu entender seriam necessárias" pois, não tem apenas uma letra por sílaba da palavra falada.

As crianças começam a apresentar outro progresso:

- estabilizam a correspondência entre as letras e valores sonoros.

Sons semelhantes (entre si) que fazem parte de palavras diferentes são representados por letras semelhantes.

Pouco a pouco há a descoberta de que a sílaba por sua vez compõe-se de outros elementos, menores.

Perceber a variação do número de letras por sílaba constituirá nova dificuldade. Será difícil também entender que um mesmo som possa ser grafado com letras diferentes ou que uma mesma letra possa representar sons diversos.

A LEITURA INFANTIL EVOLUI

As crianças tem idéias próprias do que seja ler um texto.

Elas diferenciam entre "o que está escrito" e "o que se pode ler".

Geralmente, aos quatro ou cinco anos, entendem que escrevemos apenas os substantivos. Verbos e artigos de uma oração "não precisam" estar grafados para que se leia uma oração completa.

FERREIRO[1, p. 48] relata que diante da oração:

- a menina comprou caramelo

A criança repete a leitura do adulto imitando seus gestos de apontar a escrita. Diante da pergunta onde está escrito **menina** ou **caramelo** ela indica uma das palavras grafadas mas não manifesta compreensão de que o verbo ou os artigos também estejam escritos.

Não domina ainda a noção de que todas as palavras da oração sejam escritas, nem que a ordem delas corresponda a da verbalização.

De fato, em pesquisa realizada aqui em Rio Claro, crianças eram solicitadas a escrever uma sentença referente a um desenho. Verificamos que, mesmo entre crianças "mais velhas" era comum a escrita:

Menino - bola - diante do desenho de um menino chutando uma bola. Isto depois de todos os desenhos terem sido interpretados em voz alta com todas as crianças.

A descoberta da construção (progressiva) como processo independente de ensino formal coloca a necessidade de repensar a prática escolar da alfabetização. Isto significa principalmente entender que o aluno como sujeito tem um papel ativo na aprendizagem e no encaminhamento do trabalho pedagógico.

A pergunta: - A pré-escola deve ou não alfabetizar? torna-se supérflua. O aluno não espera a resposta para começar a aprender. Não tem sentido a pré-escola ignorar este processo de construção do conhecimento que faz parte da vida infantil. Da mesma forma não tem sentido simplesmente puxar o trabalho de primeira série do 1º grau para o pré III.

Cabe refletir sobre as práticas pedagógicas mais adequadas para apoiar a aprendizagem.

Os trabalhos de FERREIRO descrevem o processo de construção da escrita por parte das crianças. Cabe agora pesquisar a metodologia de ensino correspondente.

Em nosso entender, a função de professor impede que ele se transforme em mero espectador das atividades espontâneas dos alunos, ou que interfira através de procedimentos contrários à sequência de seu desenvolvimento.

Em todo esse processo a tarefa específica da pré-escola é a de proporcionar oportunidades de escrita a todos os alunos principalmente, para os que tenham poucos contactos com pessoas que leem e escrevem e disponham em casa de poucos impressos.

AS PESQUISAS E O ENSINO

As pesquisas mostram que as crianças exploram a escrita convencional, tentam descobrir suas propriedades lendo e escrevendo a seu modo. Gradativamente, elas constroem uma escrita própria (delas) mediante a observação de textos, imitação do comportamento de ler e escrever, consultas aos alfabetizados, etc, isto significa que:

Ao entrar para a escola, a criança já "lê e escreve" (a seu modo) de forma mais ou menos

parecida com a convencional.

Este conhecimento deve ser considerado nas aulas. Nestas deve-se procurar dar continuidade ao processo, em vez de começar tudo de novo.

Ao elaborar seu próprio modo de ler e escrever os pequenos utilizam certos procedimentos para explorar e organizar informações obtidas através de observações, perguntas, etc. O ensino deve incorporar estes procedimentos sem tentar impor logo de início outras formas de trabalhar.

Na construção de seu conhecimento as crianças utilizam inicialmente procedimentos diferentes dos convencionais. Pouco a pouco estes vão se modificando para no final do processo aproximarem-se dos utilizados pelos adultos.

Se as crianças utilizassem de imediato os procedimentos convencionais dominariam a escrita repentinamente, logo nos primeiros contatos com ela, mas, não é assim, elas trabalham muito nesta construção.

MÉTODOS

Os métodos de ensino, mais conhecidos, geralmente partem de elementos considerados unidades básicas. Entre nós é comum a alfabetização iniciar-se pelo estudo das famílias silábicas. Neste caso, após as vogais e suas combinações são focalizadas particularmente as sílabas compostas por uma mesma consoante e cada uma, das cinco vogais.

Palavras compostas com as sílabas em pauta são lidas antes da leitura de sentenças, por sua vez compostas por essas palavras. Exercícios de formar palavras e sentenças são feitos antes ou após a leitura.

Na lição seguinte, o procedimento se repete com nova família silábica (pela articulação de outra consoante com as vogais) e assim por diante.

Esta forma de proceder (e de outras semelhantes, como é o caso, da combinação de várias consoantes com uma mesma vogal, por exemplo a, depois com o, etc.) pauta-se pela organização estrutural da escrita feita pelo adulto.

Na construção da escrita inicialmente é desconsiderada a ligação - fala e registro gráfico e, só no final do processo é registrada a composição silábica das palavras. Assim com frequência os alunos não conseguem entender as explicações e os exercícios dados pela professora.

O descompasso entre o modo da professora ensinar e o modo pelo qual a criança está organizando sua própria escrita, dificulta a aprendizagem. A diferença reside no fato do professor partir do término do processo. A identificação da composição das sílabas ocorre no final da sequência evolutiva da escrita infantil.

Aparentemente no método silábico o circuito deveria se completar:

- A professora fornece as peças e os alunos tem a visão do conjunto (já que escrevem "do seu jeito").

Ocorre que a professora apenas focaliza as peças. O todo que ela tem em mente (a organização da escrita em seu conjunto) não é apresentado aos alunos. Se isto ocorresse eles não teriam condições de entender. A explicação pressupõe a compreensão e a representação mental do conjunto. Isto é, dos seus elementos e das regras que regem sua composição com referência a linguagem falada. Se os alunos conseguissem imaginar as letras e as formas de combiná-las para representar a linguagem falada já estariam alfabetizados.

Geralmente, quando os alunos não dispõem dos esquemas mínimos necessários para entender as explicações dadas em aula extraem a partir de sua visão infantil elementos diferentes dos ensinados. Utilizam estes elementos como peças na montagem da própria escrita e escrevem como podem. Professora e alunos não utilizam os mesmos pontos de referência.

Por outro lado, em termos piagetianos, ao entrar para a escola a criança em geral encontra-se ainda presa ao egocentrismo. Isto em nada facilita as coisas. Por que um "eu" (que ignora o próprio egocentrismo) que "consegue" escrever a seu modo deveria conformar-se a um padrão de desempenho que sequer entende a organização?

A observação da escrita infantil tendo em vista os trabalhos de FERREIRO[1] e a Teoria Piagetiana revela que a criança desenvolve visões globais e subjetivas da escrita. Manifesta

percepção geral de todo, (quando por exemplo varia as letras, a quantidade delas, as apresenta linearmente, etc...) e dos detalhes (quando identificada algumas letras, faz questão de usar aquela letra que chama mais sua atenção, etc). Entretanto, tem dificuldade para estabelecer as relações entre as partes e o todo, de acordo com ligações "objetivas", (isto é conforme a correspondência e a estrutura convencional da escrita). Essa forma de proceder e suas dificuldades são manifestações próprias do egocentrismo anterior à constituição das operações concretas.

O pensamento egocêntrico não se adapta aos pontos de referência alheios. Considera a percepção própria e imediata como absoluta, e interpreta tudo de acordo com o próprio "eu". Ignora as relações "objetivas" (exteriores ao indivíduo e independentes dele). Impõe esquemas individuais e pessoais à escrita de tal modo que o indivíduo ao invés de se adaptar a escrita, a transforma, ou melhor, a adapta às suas conveniências ou às suas possibilidades de compreensão, mas - o mas aqui é muito importante - não tem consciência disso.

Pouco a pouco com o próprio desenvolvimento cognitivo haverá o declínio do egocentrismo e a compreensão das relações entre parte-todo, entre linguagem falada e escrita.

Neste contexto cabe à escola:

- favorecer todas manifestações relativas à escrita;
- favorecer e aceitar no decorrer da aprendizagem que cada um escreve como pode;
- facilitar o contato com o material escrito;
- desenvolver atividades exploratórias;
- fornecer as informações solicitadas.

Neste particular todos ensinam (crianças, pais e outros adultos). Não é só a professora que sabe ler e escrever;

- ressaltar o papel da escrita na comunicação.

Neste processo alguns aspectos são importantes:

- **As diferenças individuais** - Como as crianças diferem entre si, na mesma classe haverá diferenças de desempenho e de ritmo de progresso.

Todas merecem atenção e reconhecimento de seus esforços. Admitir a possibilidade de sucesso e desenvolver auto-conceito favorável são realizações muito dependentes da influência da escola. É função desta educar a todos.

As diferenças individuais podem ser focalizadas positivamente pela integração entre os alunos. A cooperação auxilia o entendimento de qualquer assunto a partir de pontos de vista diversos.

As crianças conseguem ensinar e quando isto ocorre a compreensão é facilitada.

- **A Avaliação** - Diante de um processo evolutivo (pessoal) não tem sentido comparar desempenhos com um padrão de rendimento pré-determinado.

As comparações só cabem quando consideram os progressos atuais de cada aluno face às suas realizações anteriores.

- **A Fala** - A escola não precisa ensinar tudo de uma vez. É importante que a criança aprenda a perceber a escrita como comunicação tendo como referência a linguagem falada. Tudo fica mais difícil, se o ensino exigir que a criança aprenda uma outra língua para alfabetizar-se.

A correção gradativa da escrita - segundo os padrões da língua oficial será compreendida com mais facilidade.

A alfabetização constitui um desafio, para os alunos conseguirem aprender. para os professores conseguirem ensinar.

BIBLIOGRAFIA

- [1] FERREIRO, Emília - Reflexões sobre a Alfabetização. São Paulo: Ed. Cortez, 1986.